

POLO METALMECÂNICO

Indústria metalmecânica projeta ano de dificuldades

Cenário de insegurança no setor deve persistir em 2026

A sensação externada por boa parte do empresariado da Serra Gaúcha ligado ao segmento metalmecânico é que, da forma como a economia e a política vêm sendo conduzidas atualmente, tanto 2025 quanto 2026 devem ser anos de indicadores similares ao exercício passado ou abaixo. O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs), Ubiratã Rezler, observa que tem ouvido muitos relatos de dificuldades e alguns, de setores específicos, demonstrando satisfação. “A verdade é que as empresas estão desacelerando as atividades e a expectativa é de manutenção do cenário do ano passado”, projeta.

De acordo com o dirigente, o cenário se estende para 2026 por conta das eleições, da adoção da reforma tributária em função do início do período de dualidade e de prováveis mudanças na legislação trabalhista em decorrência da proposta de fim da escala 6x1. Rezler destaca que há um encaminhamento no sentido de aprovar 40 horas

semanais, sem redução salarial. “O prejuízo será grande e reduzirá ainda mais a já baixa produtividade do setor”, observa Rezler. Para ele, a política trabalhista brasileira é engessada e precisa ser rediscutida para tornar-se mais flexível.

Outra preocupação para o ano é com a cadeia de fornecimento, em que parte dos insumos têm sido reajustados em até 15%. Os importados em razão da volatilidade da moeda e os nacionais pelo Custo Brasil. Acrescenta-se a isto a expectativa de reajuste na energia elétrica em razão da baixa dos reservatórios hídricos. A mão de obra, em falta no setor, preocupa pela volatilidade, com uma grande rotatividade, mas também pelo aumento dos custos dos benefícios ofertados, como alimentação, transporte e saúde.

Rezler avalia a guerra comercial que o novo governo americano abriu com vários parceiros sob duas óticas. A primeira é de que o aumento maior para a maioria dos países, poupando o Brasil que ficou com 10% da tarifa, abre oportunidades para o empresariado local. Já a China deve buscar outros mercados para colocar os itens que produz. “Passa a ser uma ameaça indireta. O Brasil consegue colocar



Entre as preocupações de 2025 estão os reajustes de até 15% em insumos da cadeia de fornecimento

sua produção nos Estados Unidos, mas é ameaçado em outros mercados. O empresário deve estar atento para não perder oportunidades, a exportação deve ser estratégica e não oportunista”, recomenda.

Mesmo diante do quadro de incertezas e ameaças, Ubiratã Rezler argumenta que o empresariado deve manter uma política cautelosa de investimentos, aplicando

naquilo que é necessário. “Investimento zero é nefasto e o momento atual é de redução nos preços das máquinas em função do mercado mais retraído”, alerta.

Frisa que, a princípio, aplicar os recursos no sistema financeiro com juros elevados pode ser interessante, mas a perda futura também deve ser considerada. “Melhorar o ambiente de trabalho e modernizar

com cuidado é fundamental para o crescimento do negócio”, afirma. Avalia que produtos novos têm passado por um momento de queda no mercado, enquanto os focados em manutenção e reforma estão em alta, como máquinas agrícolas, caminhões e implementos rodoviários. “É preciso ser competitivo e criativo para vencer esta etapa”, registra.

Simecs estima que há 5 mil vagas em aberto no segmento

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simecs), Ubiratã Rezler, estima algo como 5 mil vagas em aberto na região de abrangência da entidade, número que tem se mantido ao longo dos anos em razão da grande rotatividade. Um dos pontos cruciais, na sua avaliação, é o baixo engajamento das novas gerações, diferentemente de trabalhadores com mais experiência.

O dirigente destaca que o problema é mais crítico nas médias e pequenas empresas, onde o crescimento na carreira é mais difícil, além de a maioria ser familiar. Ainda que em menor escala, as grandes organizações também se ressentem de carência de pessoal. “É uma preocupação muito grande e pode comprometer a expansão do setor”, indica. De acordo com Rezler, as empresas têm feito várias ações, inclusive incentivando seus próprios funcionários a auxiliarem nas

contratações com a contrapartida de benefícios. Outras saídas são intensificar a busca por pessoas com mais idade, acima dos 50 anos, e contratar mais imigrantes, cujo número têm crescido.

O Simecs, por sua vez, investiu no programa Escola do Manhã, em parceria com a Prefeitura de Caxias, para formar jovens da rede municipal com idades entre 14 e 16 anos no curso de robótica e protótipos mecatrônicos, com duração de 120 horas. Iniciado no ano passado, o curso, em 2025, teve a abrangência ampliada para 12 municípios da Serra, com expectativa de atender 1.500 alunos dos últimos anos do ensino fundamental e ensino médio da rede pública estadual.

A entidade também defende mudanças em legislação que proíbe o jovem com menos 18 anos de trabalhar em ambientes considerados insalubres. Rezler entende ser possível criar mecanismos para neutralizar esta situação, como uso de

equipamentos de segurança e jornada reduzida. “Sem este jovem vejo um futuro cada vez mais difícil para a indústria”, alerta.

Em Caxias do Sul, as escolas do Senai sempre foram as principais formadoras de mão de obra para o setor. Ainda que siga relevante, atendendo gratuitamente um grande número de estudantes em situação de vulnerabilidade, a entidade se depara com a falta de interessados para vários cursos oferecidos. “É uma ferramenta importante, mas pode-se discutir se está no caminho certo diante das mudanças do perfil do jovem”, ressalta.

Rezler também alerta para a necessidade de uma visão pública mais adequada na criação de atrativos que retenham os trabalhadores e as empresas na cidade. “É preciso criar um ambiente mais saudável, que a comunidade seja atrativa e acolhedora para quem vem de fora e quem já está aqui. Perde-se muita gente por falta de atrativos”, comenta.

Entidade mobilizada para descarbonização

Uma das principais ações do Simecs, iniciado no ano passado, tem sido incentivar o setor em geral a preocupar-se com a descarbonização, que se tornará essencial na manutenção e crescimento dos negócios. Segundo Ubiratã Rezler, grandes organizações estão transformando produtos com outros insumos para reduzir custos e deixar um legado diferente. “A descarbonização é um pilar de atuação do Simecs e muitos clientes estão investindo nesta estratégia”, afirma.

Para Rezler, que adota a ferramenta em sua empresa desde 2013, o mercado está exigindo esta mudança cultural, que é simples e de baixo custo. “Ela deve ser feita agora e não esperar 2030”, reforçou. O Simecs recebeu recurso para oportunizar a descarbonização junto a associados interessados. No ano passado, foram feitos 70 diagnósticos de empresas e 100 deverão produzir inventário. Para 2026, a meta é dobrar os números.

O presidente reconhece que o assunto não é facilmente deglutível pelo empresário por gerar



Para Rezler, mercado está exigindo mudança cultural das empresas

custos num momento já difícil. Mas frisa que sem a ferramenta a possibilidade de perder clientes importantes e ter dificuldades em gerar novos negócios é muito grande.

“Por enquanto, as iniciativas por ESG são por demanda de mercado e não por iniciativa própria. Importante é aplicar aquilo que faz sentido e provoque mudanças em benefício das comunidades”, reforça.